

# CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ATENDIMENTO NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISMO (TEA)

Francisco Roberto Diniz Araújo<sup>1</sup>

Ana Paula Leite da Silva Tanaka<sup>2</sup>

Joseane Fátima de Almeida Araújo<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho vem apresentar uma visibilidade mais ampla e algumas possibilidades de desenvolver um trabalho melhor com crianças diagnosticadas com Transtorno Espectro Autismo – TEA é um desafio educacional, tendo em vista todos os aspectos que o circundam e a real necessidade de formação docente/profissional com arcabouços teóricos e práticos que possibilitem a realização de um trabalho que resulte na aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos. Este trabalho foi realizado em conjunto com uma equipe de profissionais, com conhecimento na pedagogia, psicopedagogia e neuro, possibilitando um melhor desempenho na aprendizagem das crianças. É preciso compreender o trabalho orientado pelos profissionais da Neuropsicopedagogia como uma possibilidade de elevar a aprendizagem das crianças autistas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico, em decorrência da existência de outras pesquisas realizadas dentro do tema proposto. O objetivo geral consiste em discutir sobre a importância do trabalho neuropsicopedagógico para o desenvolvimento de crianças autistas no âmbito educativo. E como específicos: refletir sobre a prática docente com o apoio da neuropsicopedagogia para o melhor desenvolvimento das crianças autistas; compreender o trabalho do especialista em Neuropsicopedagogia como ferramenta para melhor atender crianças com TEA. A intenção desta pesquisa é colaborar com uma reflexão e possível formação docente/profissional, para atender a necessidade vista e vivida pelos profissionais da educação, no intuito de proporcionar uma nova prática docente, favorável ao desenvolvimento cognitivo e motor das crianças autistas, contribuindo com o seu desenvolvimento social e intelectual, além de atingir diretamente a sua atuação enquanto cidadão construtor do seu próprio conhecimento.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento da Aprendizagem; Autismo; Formação docente.

## INTRODUÇÃO

Visando contribuir com a discussão que circundam a inclusão de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o presente trabalho tem como interesse aprofundar-se acerca das problemáticas que essas crianças enfrentam ao ingressarem no contexto escolar, tendo como enfoque a prática docente como instrumento de inclusão, considerando a preocupação dos pedagogos já atuantes, como também a dos que recém formados em reproduzir

---

<sup>1</sup> Posdoctorado en Psicología con orientación en Metodología de la Investigación de Revisión – Universidad de Flores UFLO - Buenos Aires Argentina. robertodinizaemd@hotmail.com

<sup>2</sup> Posdoctorado en Psicología con orientación en Metodología de la Investigación de Revisión – Universidad de Flores UFLO - Buenos Aires Argentina. Email: a.p\_tanaka@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestra em Ciências da Educação – ULHT-Portugal; Doutoranda em Humanidades e Artes com Menção em Ciências da Educação – UNR-Argentina. E-mail: joseanefalmeida@gmail.com.

uma prática rica de ações planejadas especificamente para atender tal público, sem que se sintam de alguma forma excluídos na escola e no seu contexto.

Para tanto, foram abordados desde a caracterização do Transtorno do Espectro Autista (TEA) até desafios e possibilidades que o fazer pedagógico pode alcançar, na promoção de aprendizagens significativas onde a criança autista sinta-se parte de uma educação holística. Levando em consideração o grande papel contribuinte do apoio docente juntamente com o trabalho psicopedagógico, podem ser fundamentais para um melhor direcionamento de trabalhos e atividades a serem realizadas com essas crianças portadoras de TEA.

As crianças autistas, ou portadoras do Transtorno Espectro Autista (TEA), necessitam de uma atenção maior, portanto o seu acompanhamento precisa ser realizado desde a anamnese que trata-se de um instrumento, que medirá aspectos relacionados aos conhecimentos prévios da criança, como também conhecimentos adquiridos na escola e áreas de afinidade e melhor desenvolvimento, possibilitando ao professor criar uma seletiva de instrumentos/ atividades que possam melhor favorecer o desenvolvimento nas áreas cognitivas e motoras.

Esse tipo de acompanhamento se torna necessário, compreendendo a formação do pedagogo, com um conhecimento mais amplo na neuropsicopedagogia, poderá contribuir ainda mais para o desenvolvimento dessas crianças, que por muitas vezes se deparam com uma realidade excludente, no que diz respeito ao despreparo para lidar com as suas necessidades, considerando que as atividades realizadas no âmbito educativo cotidianamente, nem sempre alcançarão os objetivos desejados para as crianças com TEA.

Considerando os aspectos aqui já expressos, esta pesquisa tem como Objetivo geral: Discutir sobre a importância do trabalho neuropsicopedagógico para o desenvolvimento de crianças autistas no âmbito educativo. E como específicos: Refletir sobre a prática docente com o apoio da neuropsicopedagogia para um melhor desenvolvimento das crianças autistas; compreender o trabalho do especialista em Neuropsicopedagogia como ferramenta para melhor atender crianças com TEA.

O interesse por essa temática, baseia-se nas dificuldades vitais, não apenas ao tratarmos da prática docente, mas também de todos os problemas enfrentados, principalmente pelas crianças portadoras de TEA, considerando as suas especificidades e maneira com precisam se adaptar a uma rotina específica a partir do seu grau de dificuldade. No entanto, é essencial essa reflexão, buscando alternativas, com o apoio da neuropsicopedagogia como uma melhor forma de buscar meios que possam atender as necessidades das crianças, considerando as suas singularidades.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa, cujo intento da investigação é analisar a importância do apoio Neuropsicopedagógico para o desenvolvimento do ensino para crianças com Transtorno Espectro Autista (TEA), buscando um melhor desenvolvimento e inclusão das crianças autistas no âmbito educativo. Assim, considera-se as ações humanas e suas habilidades de reflexão, o que significa ter domínio sobre a formação, direcionando a resolução ou as sugestões que possam solucionar determinado problema (PRODANOV; FREITAS, 2013). Além disso, essa pesquisa se caracteriza por haver relações concretas entre os sujeitos que constituem o seu objeto, podendo extrair de suas vivências significados visíveis que, apenas podem ser percebidos quando há uma observação minuciosa para a coleta de dados traduzidos em um texto cuidadosamente escrito.

Nesse viés, compreende-se que a realidade pesquisada não leva em consideração apenas as ações do sujeito, mas considera como o sujeito pensa sobre suas ações, podendo refazê-las, sendo “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa, dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2009, p. 21).

Ressalta-se ainda que a pesquisa decorre de pesquisas anteriores, discutidas com essa vertente em outros documentos como livros, revistas, artigos. No entanto, é uma pesquisa bibliográfica, por considerar esses documentos e discussões anteriores relevantes e por contribuírem para análise constante do texto (SEVERINO, 2007). Assim, a existência de outros materiais importantes para uma discussão rica em informação relevantes para a formação docente no aspecto neuropsicopedagógico, como também o melhor atendimento e desenvolvimento humano e social.

Para elaboração dessa pesquisa foram utilizados materiais de teóricos que abordam a temática, igualmente pesquisas em sites científicos como o Google Scholar, Scielo e Periódico CAPES, por abordarem um estudo/análise da realidade e da vivência da criança autista, considerando as ideias dos autores utilizados, dentro ou fora do ambiente escolar, refletindo sobre uma aprendizagem que nos levará entender e futuramente a nossa prática docente, desenvolvendo meios e formações para trabalharmos explorando a diversidade ao qual se faz necessário com os alunos com autismo ou qualquer outro tipo de necessidade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

As primeiras publicações sobre a temática autismo aconteceram na década de 1940,

quando Kanner (1943) e Asperger (1944) tornaram o assunto mais relevante. Atualmente, a incorporação do termo autismo deve-se a Kanner que continuou uma investigação delimitada do distúrbio no qual denominou de “autismo na primeira infância”, desde o precioso conhecimento acumulado na década 1940 até os dias atuais ninguém sabe dizer com exatidão e de forma inquestionável o que é autismo.

O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por ser uma síndrome comportamental apresentada por meio da interação social, apresentado comportamentos repetitivos desejos por coisas únicas ou até mesmo preferência por determinada cor (CUNHA, 2012).

[...] o autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal, comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas. Sendo assim, o grau de dificuldade da criança portadora da síndrome terá variações de acordo com o nível de desenvolvimento e a idade cronológica da criança, e, quanto maior for o seu comprometimento do autismo, maior será o grau de dificuldade a ser apresentada por ela, levando-a a se isolar do mundo social e familiar, como também não demonstra afeto sobre especificamente nada. O autismo é um distúrbio do desenvolvimento. Uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida fazendo a criança reagir a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. Muitas vezes, a criança se “ausenta” do ambiente que a cerca e das pessoas circunstantes a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores. O autismo é uma anomalia da infância que isola a criança de relações interpessoais. Ela deixa de explorar o mundo à sua volta, permanecendo em vez disso em seu universo interior (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 18).

O termo AUTISMO foi usado por Leo Kanner, baseando-se nos estudos Bleuler, ao estudar o comportamento de adultos com esquizofrenia, cuja característica é o afastamento do mundo exterior (CUNHA, 2012).

As primeiras publicações sobre autismo foram feitas por Leo Kanner em 1943 e Hans Asperger em 1944, os quais, [...] forneceram relatos sistemáticos dos casos que acompanhavam e das suas respectivas suposições teóricas para essa síndrome até então desconhecida (BOSA, 2002, p. 22).

Kanner usou o termo Autismo ao observar onze crianças e percebeu que cada uma estava muito centrada em si mesma, sem valorizar a presença do outro, como se estivesse sozinha no ambiente, sem estabelecer relações sociais. Partindo disso, ele chamou de autismo precoce. Já o seu colega Bleuler (2005), acreditava que todas as pessoas com autismo tinham um mundo próprio, mas com uma imaginação deficiente, proporcionando dúvida, fazendo-o pensar que seria apenas o sinônimo de esquizofrenia (GÓMEZ; TERÁN, 2014).

Usou-se ainda, nesse ano, o termo “Psicopatia autista”, pelo Dr. Hans Asperger, um cientista da Áustria, referindo-se as crianças com comportamentos parecidos. Asperger e

Kanner com a mesma curiosidade se diferenciaram apenas no modo de interpretação entre os grupos de estudos. Eles tiveram que usar os termos síndrome de Asperger e Autismo de Kanner, referindo-se aos níveis alto e baixo.

Esses níveis podem ser leves apresentando falta de discurso, por muitas vezes apresentam atraso na linguagem verbal e não verbal. Há crianças que não desenvolvem a fala e outras que têm ecolalia (fala repetitiva), por isso, há muitos anos atrás se acreditava que o indivíduo autista não podia se comunicar, não conseguia interagir com crianças da mesma idade; outra ação autista é não responder simultaneamente aos estímulos do meio, comportamentos estereotipados como movimentos repetitivos de uma parte do corpo, ou imitação de algo, preocupação com partes de objetos organizando-os sempre, podendo fixar a sua atenção por muito tempo. Muitas autistas não conseguem olhar nos olhos e gostam de rotinas, tendo interesses restritos e fixos (GÓMEZ, TERÁN, 2014).

Para saber se uma criança é autista, faz-se necessário buscar a ajuda de especialistas que através de observações, entrevistas e testes diagnósticos devem orientar os pais a perceberem algo diferenciado no desenvolvimento da criança, e procurar o mais cedo possível ajuda especializada para uma intervenção. Para isso, existe um diagnóstico, em que o médico percebe as características das três áreas afetadas: interação social, o comportamento e a linguagem, entretanto, não serão necessariamente todas as crianças que apresentarão déficit nessas três áreas, pois o autismo apresenta diferentes graus e, assim, cada pessoa com autismo é única, podendo aprender a viver com o outro.

De acordo com a Lei nº 12.764/2012, em seu artigo 1º, para efeito legal é considerado pessoa com transtorno do espectro autista os portadores de síndrome clínica, caracterizado por deficiência significativa de comunicação e interação social, ausência de reciprocidade social ou apropriada ao nível de desenvolvimento, com padrões restritivos e repetitivos de comportamento, seguem uma rotina assídua com comportamentos ritualizados, com interesses fixos e restritos.

O portador da síndrome apresenta também déficit de atenção, causando um aprendizado bastante lento e são pertencentes de uma rotina que não pode ser quebrada, pois gera desconforto significativo. Destaca-se ainda que essas crianças dificilmente mantêm contato visual, obedecem às ordens ou atendem quando são chamadas. É perceptível que cada portador de autismo tem uma forma diferente de agir diante de cada situação, porém maior parte possui a dificuldade de interação, desenvolvimento cognitivo e dificuldade na linguagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), estabelece em seu art. 58 § 1º que quando necessário haverá serviços de apoio especializado, na escola regular para atender

as peculiaridades da clientela de educação especial. Em tal caso, a escola como agente de transformação deve propor mediações pedagógicas para não somente inserir o aluno com TEA, mas também garantir sua aprendizagem, buscando suportes necessários, para favorecer sua melhoria de ensino. É necessário um novo olhar e focar não apenas nas limitações do aluno, mas aonde aquele aluno mesmo com necessidades educativas diferentes pode chegar com a mediação adequada. Já de acordo com Vygotsky (1997), não é a deficiência em si que traça o destino da criança, mas o modo como a deficiência é significada.

Cunha (2016, p. 93) ressalta que as práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno autista ocorrem pelo apoio a ideia de que esse aluno tem capacidade de atuar no contexto da sala de aula, exercendo as funções de sujeito participativo e reflexivo. O docente precisa de um olhar diferenciado para perceber e encaminhar para profissionais capacitados e que orientem e façam o acompanhamento da criança visando o seu melhor desenvolvimento no ambiente escolar e fora dele. Saber qual grau de autismo facilitaria o desenvolvimento do aluno autista em sala de aula (CABRAL; MARIN, 2017).

O autismo não é uma deficiência, apesar de haver deficiência do desenvolvimento em alguns traços motores e cognitivos antes dos três primeiros anos de vida. Portanto, é sempre importante a busca por especialistas ainda na infância, possivelmente nessa faixa etária para que o diagnóstico não seja tardio. Porém, a pessoa que nasce autista, jamais deixará de ser. Ela sempre será uma criança, adolescente, adulto e idoso autista, mesmo o autismo tendo tratamento, que possibilita a melhoria da qualidade de vida (CUNHA, 2012).

O CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) classifica o autismo como um dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. O Autismo, conforme o CID, está dentro dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, mais conhecida como CID F84. Trata-se de um grupo grande (os TGDs - Transtornos Globais do Desenvolvimento) e os Subgrupos (Autismo, Rett, Asperger, TID SOE). O manual afirma não ser necessária a divisão, todos devem referir-se ao TEA, no qual poderão ser diagnosticados os sujeitos nos níveis I, II ou III.

O Transtorno Global do Desenvolvimento causa muitas mudanças no indivíduo autista, como na concentração, coordenação motora e atenção, alguns indivíduos demonstram atitudes de agressividade e, por preferência, fixam-se por muito tempo em uma única atividade ou objeto.

Neste sentido, é possível compreender a neuropsicopedagogia como uma forma que pode atuar mais ativamente quando tratamos de crianças com TEA, por proporcionar um trabalho incluindo não apenas docentes, mas muitos profissionais, que possam planejar e desenvolver atividades para uma melhor intervenção, considerando aspectos cognitivos e

sociais, proporcionando uma ação mais favorável ao desenvolvimento infantil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Especialmente nos primeiros anos da vida escolar, deve ser promovida a socialização das crianças, tendo em vista que é o primeiro momento em que elas começam a se relacionar com outras crianças de maneira direta com outras pessoas que não fazem parte do seu ambiente familiar. Atenta a isso, a escola torna-se espaço fundamental para as crianças autistas, já que elas têm dificuldade de socialização.

Possibilitando uma melhor compreensão do Transtorno de Espectro Autista (TEA) e da necessidade de refletir este universo tão peculiar do mundo do autista e sua inclusão no ambiente escolar e o desafio de sua inserção em sociedade e as melhorias de vida em família. Portanto, ao pensar na inclusão do aluno autista, é preciso destacar a coletividade, já que apesar de interagirem de maneiras diferentes o docente deve estar capacitado para fornecer os meios necessários de interação entre os alunos autistas e não autistas, de tal forma a proporcionar situações em que a aprendizagem seja significativa. Desse modo, o professor não pode permitir que o transtorno do aluno restrinja sua prática e ele deve preparar-se para inovar e renovar suas metodologias sempre que necessário, aprendendo a lidar com a realidade do autista, visando todo o processo de desenvolvimento do aluno, a cada desafio vencido a fim de fazer com que o discente adquira sua autonomia.

Reflete-se como principal ponto de discussão as crianças com TEA por tratar-se de sujeitos que precisam de uma rotina específica e que possam atender as suas necessidades cotidianas. Com a Neuropsicopedagogia, pode-se intensificar a contribuição para desenvolver as habilidades cognitivas e sociais. Por tratar-se da realização de planejamentos mais intensos que possibilitam a melhor desenvolvimento da aprendizagem, considerando o conhecimento prévio e as habilidades já desenvolvidas, buscando uma aquisição de novos conhecimentos.

Assim afirma Vasconcelos (2019), quando mostra a neurociência, como um estudo diretamente ligada a educação, por fazer um estudo ao qual identifica como o cérebro aprende, e se volta por uma vertente de entendimentos de como os estímulos chegam e são recebidos, e como são memorizados pelo sujeito. A neurociência em consonância com a educação trata de teorias e estratégias de ensino e aprendizagem, além de adotar metodologias para melhor serem utilizadas, considerando os principais pontos de estímulo desde a infância.

Contribuindo com este pensamento, Sá, Menezes e Melo (2019) trata a Neuropsicopedagogia como uma ferramenta que faz uso de instrumentos propícios para avaliar

e compreender as formas de processamento do cérebro, tratando de aspectos afetivos, raciocínio aprendizagem, construção, possibilitando um melhor entendimento de vertentes que viabilizam o seu funcionamento.

Considerando os diferentes níveis de autismo, suas particularidades, bem como também a intensidade em que o cérebro reage aos estímulos, mesmo quando tratamos de crianças com TEA, buscamos uma melhor compreensão acerca da prática docente e a contribuição notória da Neuropsicopedagogia, buscamos compreender como se dá o processo de aprendizagem das crianças autistas, visando uma melhor viabilização da aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos.

Entendendo melhor o funcionamento do cérebro é possível otimizar o desenvolvimento da práxis educativa, com o intuito de melhor contribuir é necessário que a criança seja encaminhada para um profissional, da Neuropsicopedagogia, sendo essa uma ciência que trabalha em conjunto com a neurociência, psicopedagogia e pedagogia, dando uma maior contribuição ao processo de aprendizagem da criança autista.

Com o intuito de contribuir com o processo de aprendizagem das crianças autistas, faz-se necessário um melhor preparo dos profissionais que se dispõem a atender-lhes, além de que, falamos em uma equipe de profissionais, que poderão avaliar o sujeito, considerar suas particularidades e intervir da melhor forma possível, contribuindo com o seu processo educacional.

Tanaka *et al.* (2017) afirma que é preciso proporcionar o conhecimento de forma lúcida e intencional permite uma melhor cognição pelos estudantes com TEA, isso reforça o protagonismo do educador que busca o engajamento responsável nos conteúdos ministrados de modo sensível, sistematizado e planejado. Dessa forma, adequar o método didático a realidade de cada estudante com TEA é um grande desafio, mas que deve ser praticado diariamente com auxílio dos recursos pedagógicos, na perspectiva de efetivar exponencialmente a inclusão.

Além disso, estudantes com TEA se sentem encorajados e motivados quando suas necessidades são solucionadas pelo uso dos recursos pedagógicos como, por exemplo, os dispositivos eletrônicos que atuam na orientação do pensamento, em situações de escolha, dificuldades sensoriais, hiperfoco, distração e na dificuldade com sequenciamento e organização de afazeres (STOKES, 2016).

Ressalta-se que o suporte direcionado aos familiares é fundamental para apoiar a tomada decisão dos estudantes com TEA, já que muitas vezes necessitam de orientação no decorrer do processo de escolarização. As equipes multidisciplinares atuam nesse contexto com a psicopedagogia, terapia ocupacional, psicoterapia, musicoterapia, atividade física,

fonoaudiologia, entre outras atividades que fortalecem não só os estudantes com TEA, mas também os familiares e outros atores sociais que possam auxiliar no processo de ensino aprendizagem (MCDONALD *et al.*, 2019).

As fortalezas desta pesquisa estão nas ações multidisciplinares e intersetoriais que potencializam a organização e as capacidades mentais e sociais para se tornarem seres humanos de destaque (FREIRE, 2003).

Por meio da ação reflexiva é reconhecido e publicitado a existência de estudantes com TEA concluindo cursos em escolas e universidades ao redor do mundo, sendo um importante passo para romper com estigma e preconceito.

Para melhor contribuir com essa desenvoltura, pode-se intervir utilizando atividades específicas, objetivando os melhores resultados do processo de ensino aprendizagem, buscando melhorar o seu convívio cotidiano, como também a socialização, aspectos cognitivos e psicológicos. Essas atividades podem favorecer a criança autista, levando em consideração o seu grau de autismo, seja ele leve, e ou moderado.

Essa intervenção se dará inicialmente com o processo de anamnese, na busca de identificar conhecimentos prévios, como também o desenvolvimento de habilidades, e as dificuldades encontradas, em aspectos, como leitura, fala, escrita, imaginação, comunicação e outros, feito isso, são planejadas e elaboradas atividades que possam ser trabalhadas com um destes aspectos citados, para melhor compreender cita-se algumas atividades e em qual aspecto ela pode ser desenvolvida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos, analisando e refletindo sobre o TEA e de como se deve proceder a inserção dessas crianças na escola, considerando o contexto da criança com autismo pode-se destacar a importância da formação do professor que desempenha um papel fundamental na vida da criança com autismo, promovendo a sua inclusão na adaptação do espaço, mediando sua relação com os demais colegas e sendo o facilitador da aprendizagem, valorizando o desenvolvimento e propiciando momentos de interação com todos.

O trabalho desenvolvido pelos profissionais da Neuropsicopedagogia, em conjunto com os demais profissionais, pedagogos e psicopedagogos, com o intuito de contribuir primeiramente com a educação e posteriormente com o intuito de atender as necessidades das crianças autistas. É percebido durante a prática normalmente desenvolvida pouca demanda, e por isso, pouca busca no entendimento de como lidar com essas crianças, desde a sua diagnose,



realizada através da anamnese, planejamento e aplicação de atividades viáveis e possíveis de um melhor desenvolvimento da aprendizagem.

Diante dos desafios, vislumbramos possibilidades que minimizem as dificuldades apresentadas pelas crianças com Transtorno Espectro de Autismo (TEA), que são desde um ambiente escolar adequado, como também, terapias e um contexto familiar alinhado com as necessidades de cada criança com autismo.

## REFERÊNCIAS

BLEULER, E. (1911). **Dementia Praecox ou Grupo das Esquizofrenias**. Lisboa. Climepsi Editores. 2005.

BOSA, C. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. *In*: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. (Orgs.). **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília-DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 2012.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília-DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 1996.

CABRAL, C. S.; MARIN, A. H. Inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista** [online], v. 33, e142079, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698142079>

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 43. ed. São Paulo: Paz e terra, 2003.

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo**. São Paulo: Ed. Grupo Cultural. 2014.

GRANDIN, T.; SCARIANO, M. M. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: CIA das Letras, 1999.

MCDONALD, C. A. *et al.* Special education service use by children with Autism Spectrum Disorder. **J Autism Dev Disord.**, v. 49, n. 6, 2437-2446, 2019.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta.



In: MINAYO, M. C. de S., DESLANDES, S. F., GOMES, R. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo-RS: Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR, Universidade Feevale, 2013.

SÁ, J. P. N. de; MENEZES, M. C. C. de A.; MELO, T. F. de. **Intervenções neuropsicopedagógicas em casos de autismo.** *Anais [...]* VI Congresso Nacional de Educação, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STOKES, D. **Empowering Children with Autism Spectrum Disorder and Their Families within the Healthcare Environment.** *Pediatr Nurs.*, v. 42, n. 5, p. 254-5, 2016.

TANAKA, H. *et al.* **Embodied conversational agents for multimodal automated social skills training in people with autism spectrum disorders.** Sakakibara M, editor. *PLoS One*, v. 12, n. 8, e0182151, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectologia.** In: *Obras completas.* Tomo V. Trad. de Maria del Carmen Ponce Fernandez. (p.7-87). Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.